

7 DE MARÇO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28067
de 7 de Março de 2008,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



TESTEMUNHOS
DAS
INVASÕES
FRANCESAS

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

A edição de hoje do suplemento "Património" tem como título "Testemunhos das Invasões Francesas" em Esposende.

A escolha do tema está relacionada com a passagem do bicentenário das invasões das tropas de Napoleão Bonaparte a Portugal, em especial em Esposende.

Já falámos aqui das invasões, designadamente por causa do roubo e/ou obrigatoriedade das igrejas e confrarias entregarem toda a prata para pagar o esforço de guerra. Hoje, além de uma abordagem geral às invasões, desde a entrada em Portugal até Esposende, vamos centrar os acontecimentos em dois locais concretos: a freguesia de Gemeses, Barca do Lago, particularmente na capela; e o Monte dos Desamparados, em Palmeira de Faro, onde foi construída uma capela, em acção de graças pelo facto de todos aqueles que ali se refugiaram terem escapado da carnificina perpetrada pelas tropas napoleónicas.

Quando ainda não existia a Ponte de Fão, a travessia do rio Cávado na Barca do Lago era feita por pequenos barcos. E foi ali que os invasores se concentraram para controlar as tropas portuguesas. A capela foi vandalizada, profanada e transformada num talho.

Há vários relatos da trágica invasão em Esposende, em particular nas Marinhas, onde terá havido uma grande mortandade. A defesa em Portugal foi feita sempre de forma desorganizada, além da falta de meios e de preparação.

A invasão foi decidida entre Espanha e França, no Tratado de Fontainebleau, em 27 de Outubro de 1807. Seguiram-se outras incursões em 1808 e 1809.

Esposende esteve na rota da segunda invasão francesa



> Barca do Lago era um ponto estratégico, onde se efectuava a travessia do rio Cávado antes da existência da Ponte de Fão.

O concelho de Esposende é um dos territórios no país que foi especialmente atingido pelas Invasões Francesas, nomeadamente em 1809, quando as tropas de Napoleão entraram em Portugal pela segunda vez.

Num artigo publicado em 1988, no jornal "Nascer de Novo", o historiador Franquelim Neiva Soares sustenta que, após a primeira invasão, Portugal era um país praticamente na miséria. «Embora liberto do flagelo gaulês, Portugal estava depauperado, economicamente falido, a sua agricultura e comércio destruídos, a sua população desmoralizada e esfaimada. A penúria e indigência estavam generalizadas, dificilmente se conhecendo na história contemporânea do país outra situação tão crítica para as suas paróquias e confrarias, com excepção do período anticatólico e maçónico da I República e do pós-guerra. Além disso, havia a presença do exército inglês e continuava a ausência da corte no Brasil», afirma.

É com este cenário que, a 8 de Fevereiro de 1809, o exército de Soult inicia a sua marcha em direcção à fronteira portuguesa para uma se-

gunda invasão. Tendo chegado a Tui no dia 10, os franceses decidiram invadir o país pelo litoral, fazendo uma primeira tentativa frustrada sobre Valença. No dia 13, Soult decide passar o rio Minho entre Vila Nova de Cerveira e a foz, mas é impedido pela artilharia defronte de Lobelhe e pela bateria da Mota. No dia 16 dá-se nova tentativa junto a Caminha e, mais tarde, em frente a Vila Nova de Cerveira. Perante estes vários fracassos, o exército de Napoleão dirige-se a Orense e entra em Portugal pela linha Verim-Chaves, caindo a cidade portuguesa na mão dos franceses a 12 de Março.

Com esta vitória, Soult decide encaminhar o seu exército para o seu objectivo que era a tomada do Porto, seguindo o caminho de Braga, onde se registaram confrontos nos dias 18, 19 e 20 de Março de 1809.

Barca do Lago posição estratégica

Conquistada a cidade dos Arcebispos, as tropas dirigiram-se para o Porto, que cairia no dia 29 de Março. Nesta deslocação, a divisão de Lorges, que estava em Barcelos, decide ocupar o litoral «com receio da acção bélica da esquadra inglesa» e

para «controlar a posição estratégica da Barca do Lago», afirma Franquelim Neiva Soares.

É de salientar que Barca do Lago assumia uma importância particular porque era neste ponto que as pessoas atravessavam o rio Cávado antes da construção da Ponte de Fão. Tendo tomado o Porto, salienta o historiador, «Soult precisava de entrar em contacto com a praça de Tui, de ligar-se com o general Ney, que se encontrava na Galiza, e de recolher ao Porto a artilharia pesada que ficara guardada naquela cidade». Assim, acrescenta, pelo litoral sai do Porto, a 2 de Abril, a divisão Lorges (brigada Vialannes), que avança sobre Vila do Conde, caída no dia seguinte, e depois vem acampar na Barca do Lago.

«Juntou-se-lhes aqui [na Barca do Lago, em Esposende] no dia 5 de Abril, a brigada Grandorges após ter evacuado feridos e doentes de Braga para o Porto. Heudelet deixou Braga a 4 com a brigada Moransin, atingiu Barcelos no dia seguinte e fez no dia 6 a sua junção às forças de Lorges», salienta Franquelim Neiva Soares.

Segundo explica, foi aqui, na Barca do Lago, que os franceses estabe-

leceram um acampamento, controlando um ponto de grande importância. «Eles abriram trincheiras nas duas margens do rio, uma no lugar da Laje, em Gemeses, e outra no alto das Picotas, em Fonte Boa», afirma.

«Praticaram também os maiores abusos e violências sobre a população destas duas freguesias: saques às casas à procura de jóias e objectos de ourivesaria, às adegas e às salgadeiras; da igreja paroquial de Gemeses roubaram uma cruz e uma custódia antiquíssimas, mas que, de certeza, não chegaram a França, tendo sido amoedadas ou destruídas; a capela da Barca do Lago foi profanada e convertida em açougue, servindo de matadouro e de talho; na casa do Valério foi o quartel-general de um dos destacamentos», acrescenta o investigador. Contudo, sustenta Franquelim Neiva Soares, «o estacionamento destas duas importantes divisões não foi por muitos dias, pois no dia 7 marcharam as duas, com mais de quatro mil homens, sobre Ponte de Lima, que foi atacada sem êxito, acabando por cair nas suas mãos no dia seguinte e convertendo-se na chave de ocupação do Alto Minho».

Combates de 13 de Abril de 1809 fizeram muitas vítimas mortais

Os dias 13 e 14 de Abril de 1809 foram fatídicos para muitos esposendenses que decidiram enfrentar as tropas de Napoleão, havendo registo de confrontos em algumas freguesias do concelho.

Segundo o historiador Franquelim Neiva Soares, os combates mais significativos ocorreram nas Marinhas, Palmeira de Faro e em Belinho, como se pode verificar pelos livros do registo paroquial, nomeadamente os livros de óbito, que este investigador analisou.

«Não sei, neste momento, de que ponto teriam partido as tropas invasoras: se do Norte, desde Viana do Castelo, ocupada por esse tempo, constando que estiveram algumas acampadas em Alvarães», ou então «se do Sul, a partir da Barca do Lago ou do Sueste desde Barcelos», afirma o historiador num artigo publicado no jornal "Nascer de Novo", em 1988, acrescentando que será de presumir «que fosse desde Viana em direcção ao Porto».

Para Franquelim Neiva Soares, nos dias 13 e 14 de Abril, «as populações da freguesia das Marinhas deram um alto exemplo de resistência e de nacionalismo, porquanto não se renderam cobardemente ao invasor». «Afirma-se que o recontro foi no lugar de Cepães, o que se confirma pelo aparecimento de um morto na praia de Aguçadoura, atravessado por uma bala e pela morte de outro no mar no combate», sustenta.

Ao todo, tendo em consideração a investigação deste historiador, morreram neste confronto com as tropas de Napoleão, 67 pessoas, não se sabendo o número de feridos. Por lugares da freguesia, sabe-se que faleceram 19 pessoas de Pinhote, 11 de Cepães, outras 11 de Rio de Moinhos, oito de Góios, seis da Igreja, outras seis de Monte, quatro de Outeiro, uma de Abelheira e outra de Carqueijos.

«Facto curioso é o da morte de mulheres. Morreram duas em Cepães, de que uma delas era uma inocentinha de dois anos, outras tantas em Pinhote e uma em Góios; no total cinco pessoas do sexo feminino», salienta Franquelim Neiva Soares. Questionado se estas seriam mulheres que decidiram participar nesta guerra, o historiador é de opinião que, «talvez, preferentemente, se trate de pessoas em fuga, pois era norma desses militares brutais abater as pessoas apanhadas em fuga».

Combates em Palmeira e Belinho

Neste seu trabalho, Franquelim Neiva Soares realça, por outro lado que a freguesia de Palmeira de Faro



> Na freguesia de Palmeira de Faro morreram várias pessoas do lugar da Igreja



> Na freguesia das Marinhas morreram 67 pessoas no confronto com os franceses

também «sofreu as atrocidades dos franceses no dia 13 de Abril». «Os assentos de óbito da freguesia mostram que faleceram nesse dia nada menos que oito pessoas. O pároco foi muito cuidadoso na redacção dos assentos, chegando a escrever os locais e, por vezes, até o modo da morte», acrescenta.

A título de exemplo, refira-se o caso de Jozé Fernandes, do lugar de Faro, que era casado com Anna Maria. Segundo o pároco, «faleceu sem sacramentos de hum tiro que lhe derão os franceses em caza de António José de Lima, no lugar da Igreja. Segundo o historiador, os oito homens foram mortos a tiro e à cutilada e, «da análise dos assentos, conclui-se que o combate deu-se no monte de Faro e que os franceses entraram pela freguesia de Palmeira até ao lugar da Igreja, onde mataram dois homens dentro de uma casa e um terceiro ao pé do adro». «As atrocidades deram-se exclusivamente no dia 13 de Abril, mas as suas sequelas prolongaram-se por mais tempo, porquanto quatro dos funerais, pelo menos, foram sem acompanhamento dos paroquianos», defende.

Em S. Bartolomeu do Mar, conta Franquelim Neiva Soares, é tradição dizer-se que o exército de



> Na freguesia de Belinho faleceram 14 pessoas

Napoleão esteve acampado nas agras de Carreira Cova, Espinho e Carregais. Aqui, afirma-se ainda que os habitantes refugiaram-se no monte Crasto. Conta-se também que durante a caminhada nesta freguesia morreu um militar francês e que o seu corpo foi logo sepultado

perto da estrada velha, que ligava Barca do Lago a Viana do Castelo. Há autores que dizem que os habitantes impediram que o francês fosse enterrado na igreja velha ou no adro, no entanto, Franquelim Neiva Soares acha pouco provável que tal tenha acontecido, baseando-se na conduta

do exército, que saqueou e profanou os locais sagrados nestas invasões. Por fim, Belinho «foi a última freguesia do concelho de que há assentos de óbito de pessoas assassinadas pelos franceses. Aqui morreram 14 pessoas, no dia 14 de Abril de 1809, entre as quais quatro mulheres.

BARCA DO LAGO FOI PONTO ESTRATÉGICO NA CONSOLIDAÇÃO DA POSIÇÃO

Lenda da Senhora do Lago envolve peregrinos de Santiago

Desde os primórdios que o homem tenta encontrar explicações para os fenómenos. Sem justificações científicas arranja explicações nos mitos, nas lendas, na natureza, nas divindades e no sobrenatural. A construção de capelas ou santuários para justificar alegadas aparições era prática comum. A capela da Senhora da Barca do Lago não foge à regra. Na origem da sua edificação estará o aparecimento de uma imagem de madeira, com três palmos, com o Menino Deus nos braços, "pescada" no lago, como vem escrito nas "Memórias Paroquiais de 1758". Imagem que gerou grande devoção, seguida de milagres. Peregrinos de Santiago de Compostela também passavam por ali.

Independentemente de ser uma lenda, história ou "estória", o culto a Nossa Senhora do Lago remonta pelo menos ao século XIII. Manuel Albino Penteadado Neiva diz no seu livro "Património Arquitectónico de Gemeses" que não tem dúvidas quanto à existência desta ermida [da Senhora do Lago] em tempos medievos. «Se nas Inquirições de D. Afonso III, em 1258, se refere a um antropónimo de Fernandus de Lago, o que não é razão para que fundamentemos aqui culto a Senhora do Lago, já em 1290, com o rei D. Dinis e nas suas Inquirições, se diz que «... em Soutello e em Sanctas há hy dom Fernandu Periz hua quintaa e trees casaaes. E achey que ora dês dez anos a ca faz honrra della vem agua contra Santa Maria de Lago e sam sete homees os que la mete».

Penteadado Neiva vai buscar também o poeta medieval Fernando do Lago, autor de conhecidas "Cantigas de Amigo", que fala fervorosamente de Santa Maria do Lago. Enfim, são estes e outros relatos que colocam a devoção à Senhora do Lago na mais remota história da portugalidade. Sobre o culto e a lenda, há relatos verdadeiramente fantásticos de poetas fervorosos. E quando se junta a fé à arte literária, só pode dar textos entusiasmantes.

O investigador de Esposende transcreve no livro "Património Arquitectónico de Gemeses" um «curioso» relato seiscentista sobre o aparecimento da imagem: «... podia ser que fosse alguns pescadores ... e não seria esta a primeira vez que esta grande Senhora, para pescar pecadores, quis Ela ser presa nas redes, e sair do profundo mar, para os livrar do profundo mar das culpas... para que assim ficassem



> Altar de Nossa Senhora do Lago, de grande devoção

muito seguras as suas viagens e livres de perigos os que embarcassem nela: e sem dúvida a mesma Senhora lhes devia inspirar lhes dessem este título, porque como Ela é a Senhora dos Mares e dos rios, Ela mesma quis santificar aquele, para que com a sua manifestação cessassem de todos os antigos que havia ali naquele profundo lago, e ficasse daquele dia para sempre lago da Mãe de Deus, e lago feliz e santificado».

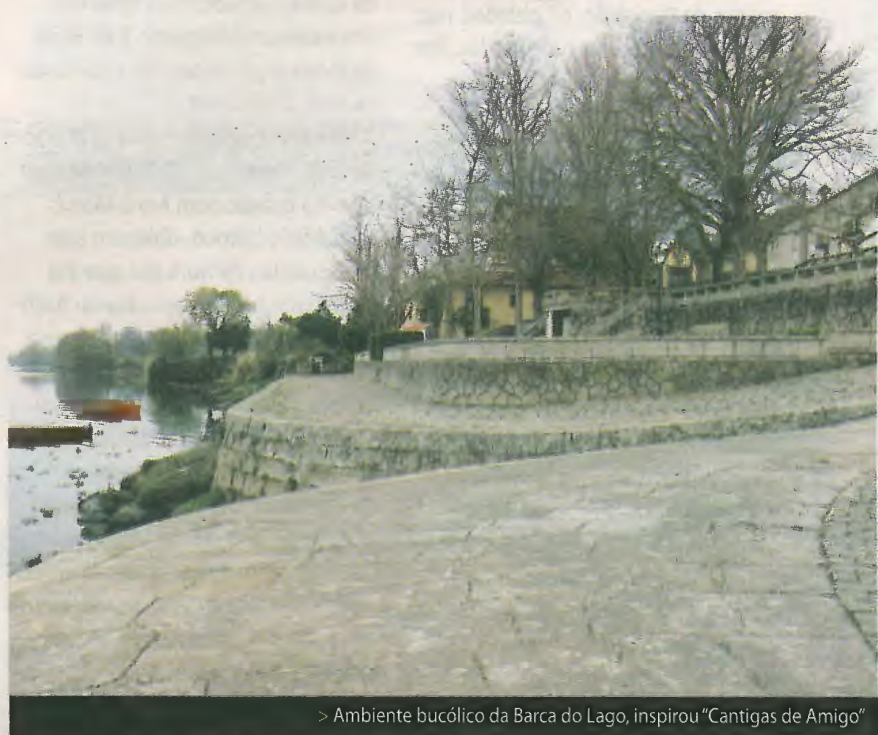
Passagem de peregrinos

Mais tarde, em 1712, outro poeta da Virgem, Frei Agostinho de Santa Maria, volta a pegar no texto, dá-lhe um cunho pessoal e acrescenta-lhe outros condimentos. O texto citado por Penteadado Neiva, como o próprio faz questão de esclarecer, está no livro "Nossa Senhora do Lago", impresso nas Oficinas da Livraria Cruz, em Braga. Foi recolhido pelo cônego Manuel Martins Cepa, copiado do livro

"Santuário Mariano", da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria. Num trecho do texto pode ler-se: «...no tempo em que o corpo do padroeiro das Espanhas, o apóstolo S. Tiago, passou pelo mar de Matosinhos, onde se verificou aquele célebre milagre das vieiras e conchinhas, e donde foi aportar, na mesma barca em que o levavam os seus discípulos, ao lugar e sítio do Padrão, no reino da Galiza, e onde se começavam logo a mover os cristãos, que habitavam terras de Portugal, a irem visitar o Santo Apóstolo», conta. Como o rio Cávado «era muito perigoso» para a passagem dos muitos romeiros, os moradores daquelas freguesias, juntamente com o piedoso cavaleiro Pedro de Couros Carneiro, «resolveram construir uma barca para nela poderem passar gratuitamente todos os passageiros e peregrinos, a toda a hora, tanto de noite tanto de dia, ricos e pobres, por amor de Deus. Esta é a barca que chamam "Por Deus" "do Amor de Deus"».



> A imagem de Nossa Senhora do Lago, semelhante à encontrada no rio



> Ambiente bucólico da Barca do Lago, inspirou "Cantigas de Amigo"

Vale a pena consultar estas bibliografias. São relatos, deveras interessantes, entre a lenda, a devoção e a história.

Em Abril de 1809, os franceses aproveitaram-se desta passagem entre Viana e Porto para atingir os seus intentos.

Primeira capela do Lago seria de construção medieval

Como já vimos na página anterior, a devoção à Senhora do Lago começou em pleno período medieval, pelo menos em 1290. No entanto, pensa-se que a invocação já existisse na década de 50 do século XIII.

Terá sido a notícia dos milagres que levaram o povo a construir uma ermida, certamente medieval, sobre penhas junto ao mesmo rio e ao mesmo tempo lago. «A Senhora tinha levantada na sua Casa uma piscina de saúde», relatava Eduardo Regado, no «Fangueiro», de Setembro de 1958, citado por Penteadó Neiva.

Há dois elementos que podem confirmar a medievalidade da ermida: a pia baptismal que, segundo Alberto Antunes de Abreu é de «recorte românico». Embora este autor acredite que esta peça seria da igreja paroquial de Gemeses, Manuel Albino Penteadó Neiva aponta para que ela seja originariamente da capela da Senhora do Lago. Outro elemento que reforça a teoria é uma empena medieval em forma de touro, «muito tradicional na arquitectura românica», encontrada no meio de uma parede.

Quando Penteadó Neiva estudou a «Procuração/doação que a Irmandade da Barca fez a Manuel Carneiro Gaio», em 1635, achou estranho que ali se dissesse que a barca da passagem ficava «... no rio Cávado, junto a Nossa Senhora do Lago». Acrescenta ainda que anos mais tarde, foi instituído o Morgadio da Barca do Lago. A família de Carneiro Gaio redige um documento, com data de 1 de Abril de 1664, onde

se diz que «...per sua devoção mandaram estes fidalgos fazer na sua Quinta da Barca, uma capela cuja hembocação he ensaltasão da Santa Cruz he nosa snora do llaguo a pelegrina», dotando a capela com «... hestallages que tem a na barca do llaguo jumpto a pasage dá dita barqua». Como diz o autor, e bem, não se compreende a expressão «construir», uma vez que não restam dúvidas de que a capela já existia. O que pode ter havido foi uma reconstrução.

Mas Penteadó Neiva também levanta a hipótese de o terreno onde foi construída a ermida fizesse parte do conjunto de terras à época doadas a Carneiro Gaio. «Devido, quiçá, ao seu estado de ruína e porque se achavam com direitos a ela por serem «Defensores e Protectores» daqueles bens, procuravam dignificá-la e reconstruí-la», refere.

A reconstrução no século XVIII

Todo o historiador, ao fazer qualquer investigação, sente-se satisfeito por encontrar uma data ou outro elemento que o faz confirmar uma hipótese ou levantar outras. Porque são estes elementos que são a âncora da investigação, além, é claro, dos documentos escritos. Em relação à capela da Barca do Lago, os investigadores têm esta felicidade. Para além dos dados antigos que apontam para uma ermida medieval/românica, há documentos e datas que mostram as reconstruções e/ou intervenções. Provavelmente, a mais significativa é aquela que está na fachada lateral do pequeno templo, que mostra



> Capela da Senhora do Lago, vandalizada pelos franceses

que, em 1732, foi reconstruído a expensas do povo de Gemeses e devotos da Senhora do Lago que, afinal, inicialmente era da Anunciação. A lápide glorifica o Senhor, diz a data e o nome de António A. Costa, que poderá ser do pároco. Apesar de nessa altura já existir a Confraria de Nossa Senhora da Barca do Lago, como adiante veremos, na placa não há qualquer referência à instituição, mas sim ao povo. Elementos que reforçam a hipótese de nessa data ser já uma capela pública, como aliás refere Teotónio da Fonseca, na publicação «Esposende e o seu concelho».

Nas «Memórias Paroquiais de 1758», o abade António Pires fez um relato exaustivo da capela e das devoções. Informava o sacerdote que a capela era anexa a igreja de Gemeses,

«nominada Nossa Senhora da Anunciação, do vulgo Nossa Senhora do Lago...». Nessa altura o rio já não era fundo como quando foi encontrada a imagem.

Dizia que a capela tinha três altares: «o maior está huma imagem muito respectiva também de escultura de madeira de quatro palmos tendo seus braços o Menino Deos, e no altar collateral da parte norte a imagem sobredita aparecida no lago

de São Bento e Santo Ovídeo...». Falava-se ainda numa grande imagem de Cristo crucificado, que pode ser à que está na capela-mor. Em 1761, a capela voltou a ser interencionada. Em 1809, aquando da invasão francesa, a capela foi transformada em talho. Foi profanada e vandalizada. No entanto, as imagens terão sido salvas. Em 1930 a capela foi profundamente alterada, tornando-se mais alta.



> Altar-mor da capela com imagens, provavelmente, do século XVIII



> A pia baptismal medieval, mostra antiguidade da ermida

DEVOÇÃO SUSTENTADA POR VÁRIAS FREGUESIAS DO CONCELHO

Senhora do Lago tem confraria desde finais do século XVI

Não se sabe exactamente quando é que foi instituída a Confraria de Nossa Senhora do Lago. Porém, é um dado adquirido que existe, pelo menos, desde o ano de 1575, isto é, desde o terceiro quartel do século XVI. O relator das "Memórias Paroquiais de 1758" refere as palavras formais do Estatuto do «anno de Nosso Senhor Jezus Christo de 1575 aos 7 dias do mez de Outubro, fazendo cabido geral em Nossa Senhora do Lago». A devoção é antiquíssima e viveu anos áureos, bem enraizada no concelho de Esposende. A capela era sede de duas irmandades, como descreve o abade António Pires, em Maio de 1758: a da Senhora do Lago e a de São Pedro. O sacerdote confirma a antiguidade da irmandade, com estas palavras: «há nesta cappela duas irmandades, huma de Nossa Senhora do Lago de sacerdotes e seculares muito antiquíssima que se não sabe a sua fundação. Só se diz por tradição ser a primeira destas terras». Os estatutos de 1575 terão sido tirados de outro antigo. Mais tarde, em 31 de Janeiro de 1627, o documento volta a ser reformulado, sendo prior o reitor do Convento do Banho, o reverendo Manuel Pinho da Fonseca. Os novos estatutos só foram confirmados pelo arcebispo de Braga D. Veríssimo de Lencastre, em Maio de 1676. «E assim foi andando até que parou no anno de 1706, sendo prior o reverendo vigário de Palmeira Luis António e assim dormio até o anno de 1731, que sendo juiz o padre António Pires com mais officiaes, vendo huma couza tam

antiga, de serviço de Deos, e benefícios das almas se animaram a reformar os estatutos. E com esta reforma tem crescido muito zelo que vai em aumento que esperam em Deos e no fervor de Maria Santíssima tornar ao seu auge», lê-se, nas Memórias Paroquiais de 1758. O mesmo documento informa que a outra irmandade existente na capela era de clérigos e leigos do «Príncipe dos Apóstolos, São Pedro». Uma confraria que estaria em Esposende, passou para Fão e terá passado para a Capela de Nossa Senhora da Barca do Lago em 1678.

Festa mobilizava muitas freguesias

Esposendenses de várias freguesias sentiam a capela como sua, apoiavam materialmente as actividades da confraria e todo o seu funcionamento. Penteado Neiva explica que esta confraria sempre teve muita importância na vida dos gemeenses, mas também das freguesias vizinhas, nomeadamente Gandra, Palmeira de Faro, Perelhal e Creixomil, cujos párcos eram ouvidos. Além do prestígio, era uma honra pertencer à irmandade da Senhora do Lago. Mesmo freguesias mais afastadas, vendo a caridade ali praticada, também passaram a contribuir. Há notícias de molhos de trigo e centeio oferecidos por freguesias como Castelo do Neiva, Belinho, São Bartolomeu do Mar, São Paio de Antas, Marinhas, Esposende, Fonte Boa, entre outras. Mas a devoção ultrapassou mesmo as fronteiras do concelho. Num es-

tudo do historiador José Mattoso, citado por Manuel Albino Penteado Neiva, a capela da Senhora do Lago é citada como um dos locais de culto medieval, que serviu de mote para as famosas "Cantigas de Amigo" do cancionero medieval português. É, de facto, um local bucólico, muito agradável de se estar. Um cantinho a visitar. Escreve Penteado Neiva, citando outros autores, que quando os mareantes fabricavam uma embarcação nova que possa navegar naquele rio, «vão todos os mestres delas com os marinheiros na embarcação até defronte da Senhora; páram diante da porta travessa; dali oferecem à Senhora o patacho, ou caravela ou barcos, que vão todos embandeirados e empavesados, e daquele saltam em terra, com um sacerdote que levam preparado para lhes dizer missa naquela sua romaria e para lhes benzer aquela embarcação». Em relação à festa, é interessante a descrição de 1758, para termos, de facto, uma ideia de como era a mobilização no século XVIII. «Hoje inda na segundo oitava da Páscoa que se solloniza a festa a esta senhora, concorrem muito povo fazendo procissões e clamores das freguesias circunvizinhas e muito povo de Fam e Esposende vindo em barcos pelo rio acima visitar a sancta imagem». A par da devoção, tal como em outras romarias, também havia cenas tristes de pancadaria e até crimes. Actualmente, a festa é feita no primeiro domingo de Agosto. Em 1902, o ministro da Justiça Artur Campos Henriques foi o convidado de hora para a romaria.



> Altar de Nossa Senhora do Bom Sucesso



> Saída do rio em direcção à capela da Senhora do Lago



> Traseiras da capela, a parte mais antiga

PROMETERAM ERGUER UM CRUZEIRO E COM ESMOLAS CONSTRUÍRAM A CAPELA

Refugiados da fúria dos franceses apelaram ao Senhor dos Desamparados

No monte que outrora se chamava de S. Joane, na freguesia de Palmeira de Faro, encontra-se uma pequena capela dedicada ao Senhor dos Desamparados, que é um testemunho que um grupo de homens e mulheres, liderados pelo padre António Gonçalves Rosa, quiseram deixar por terem escapado à morte pelas armas dos soldados franceses. A importância deste pequeníssimo templo, que começou por ser um simples cruzeiro, acabou mesmo por mudar a toponímia deste monte que, depois de S. Joane, é hoje conhecido por ser o Monte do Senhor dos Desamparados.

Sobre esta capela, Manuel de Boaventura divulgou um interessante documento na II Série do "Caderno de Apontamentos para a História do Concelho de Espozende", editado em 1917, que explica a origem do templo.

«Não sei por que arte apareceu entre os meus papeis o interessante documento que vou transcrever. É do primeiro quartel do século passado, percebe-se isso bem, a despeito de não estar datado nem assinado», afirma, realçando que a capela do Senhor dos Desamparados «é pequena, quadrangular e de tecto piramidal», sendo «a arquitectura banal e sem valor artístico», ao contrário do documento que se intitula "Relatório da origem da Capela do Senhor dos Desamparados colocada no monte de S. Joane do lugar de Tarroso desta freguesia de Palmeira de Faro Concelho de Espozende".

Segundo se pode ler neste documento, «em 1809, quando as tropas francezas invadirão Portugal, chegarão a entrar no Lugar de Eiradana e do de Santa Vaia desta freguesia matando a quem encontravão e roubando da mesma forma».

Assim, acrescenta o autor do texto, «o padre António Gonçalves Rosa do lugar de Terroso, posce em fuga para escapar àquela tirânica perseguição, fazendo hum voto de que, se o Senhor dos Desamparados o libra-se daqueles perseguidores, lhe havia de mandar levantar hum Cruzeiro, com a sua Imagem em acção de Grassas».

«Escapou com efeito o dito padre de ser victima da morte, como o foi o padre António do Consilo [Sic] de Eiradana, e António José de Vilas e Lima, e hum creado em Santa Baia, e outros muitos», acrescenta, sem, no entanto, referir quantas mais pessoas se terão refugiado neste local.

Promessa cumprida

Para cumprir a sua promessa, «tracou o devoto padre António Gonçalves Rosa de mandar levantar o tal



> Não se sabe se a construção da capela se iniciou em 1825 ou em 1826



> A envolvente da capela foi recentemente arranjada

cruzeiro com a já Lembrada Imagem, e o colocou em huma coutada no monte de S. Joane, monte Reguengo, que elle possuía por emprazamento», falecendo o sacerdote em 1818.

Contudo, a história não se fica por aqui. Segundo o autor do texto, «houve uma devota, que foi Joanna Ribeira, irmã do padre José Ribeiro, que deu para o Senhor dos Desamparados huma vaca, que o Vigário Peixoto recebeu, e a teve em casa de Manoel Fernandes Gaiolas, algum tempo, e foi vendida por 14:400 reis».

Por outro lado, acrescenta, «todos os annos o Vigário mandava no S. Miguel pelo seu creado que era António Modinhas, e pelo Costa do Barral pedir para o Senhor dos Desamparados» e, com este dinheiro,

desta forma angariado, mais o valor conseguido com a venda da vaca, juntou-se a verba necessária para se erguer a capela, cuja construção se iniciou em 1825 ou em 1826, afirma o autor sem saber precisar correctamente a data.

Na altura, recorda no documento, a obra foi combinada com o mestre pedreiro José Bernardo, de Espozende. «Este pedreiro, deu-lhe princípio, e chegou a gastar o dinheiro por quanto havia tratado», contudo, «fes-ce à vela, e deixou a obra por acabar». Perante a situação, o Vigário Peixoto pediu aos fregueses para «conduzir a pedra que veio do Faro para a capela, e toda a pedra foi de rogo pelo Vigário, e o barro e agoa para o amassar, foi conduzido pelo Gaiolas



> Imagem do Senhor dos Desamparados

a quem o Vigário pagava». «Tractou depois o Vigário com Manoel Francisco da Cruz, mestre carpinteiro, e pai de José Ferreira, de Suzão, de lhe mandar concluir o resto da obra, e elle a mandou concluir por hum Pedreiro Galego – cha-

mado Pedro Lopes, o qual passou recibo ao Ferreiro, com quem tinha tratado o resto da obra», acrescenta. Concluída a capela, salienta o autor, o Vigário mandou «descer o Cruzeiro de Sima do penedo e recolher a Imagem à Capella».



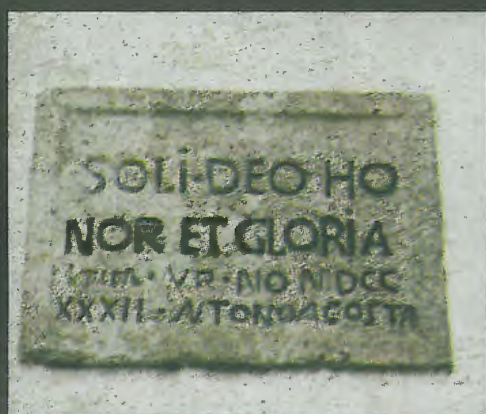
> Na freguesia de S. Bartolomeu do Mar terá falecido um soldado do exército francês. Segundo a tradição, foi intenção sepultá-lo na igreja ou no adro, mas a população opôs-se. Há historiadores que, pela forma pouco religiosa como as tropas napoleónicas se comportaram, consideram esta versão romanceada.



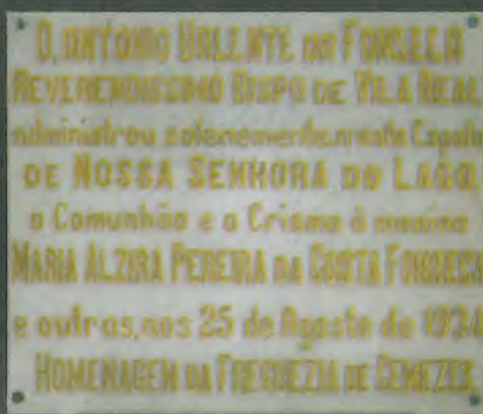
> Junto à capela do Senhor dos Desamparados foi escavado um povoado da Idade do Ferro, podendo ver-se as casas circulares. Trata-se do castro de Terroso, cujo sistema defensivo era composto por duas muralhas e um fosso.



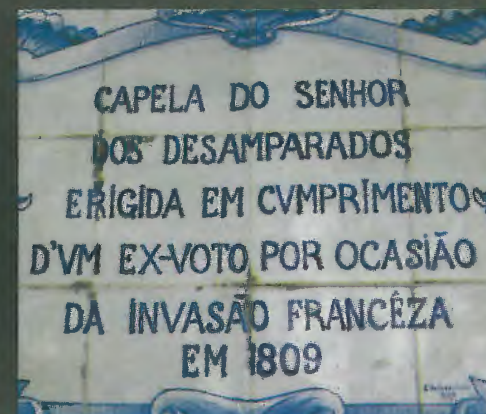
> Junto à capela da Senhora da Barca do Lago encontra-se a casa da Quinta da Barca, que ostenta uma pedra de armas no seu portão. Esta casa senhorial foi ocupada pelos franceses, que ali se instalaram aquando das invasões em 1809.



> Na parede da sacristia da capela da Senhora da Barca do Lago está uma inscrição referente a uma reconstrução que aconteceu no ano de 1732. Estas obras foram pagas pelos fregueses de Gemeses e pelos devotos da Senhora do Lago.



> A 25 de Agosto de 1934, o Bispo de Vila Real, D. António Valente da Fonseca esteve na capela da Senhora da Barca do Lago, onde presidiu à cerimónia do Crisma e da Comunhão de várias crianças.



> Na capela do Senhor dos Desamparados foi colocado um painel de azulejos que lembra a razão de se ter construído este pequeno templo. As pessoas que se refugiaram neste monte, por terem sido poupadas das balas dos franceses, prometeram erguer um cruzeiro.